

UMA QUESTÃO DE MÉTODOS
Além do senso comum**Flávio Rocha de Oliveira¹**

Uma das questões com que os estudantes universitários irão se deparar ao longo de toda sua trajetória acadêmica atende justamente pelo nome de métodos. Tal conceito termina gerando uma verdadeira confusão inicial entre os alunos, e não sem razão. Sou partidário de uma divisão básica do conhecimento que diz o seguinte: existe o senso comum e o senso crítico. O primeiro diz respeito ao conjunto de saberes que adquirimos ao longo de nossa vida, e sobre os quais na maioria das vezes dedicamos pouca reflexão. Eles são um repositório seguro daquilo que necessitamos para a nossa sobrevivência imediata e, mesmo, para o nosso convívio social mais básico e, em muitos casos, mais intenso. Por mais que a academia se refira ao “senso comum” de uma maneira desdenhosa, creio que, num nível mais imediato, ele se constitui em importante aspecto de nossa existência cotidiana. Já o segundo demanda uma reflexão continuada e aprofundada sobre determinados problemas ou eventos que nos chamam a atenção. O “senso crítico” implica em trabalho intelectual, caracterizado por leituras, reflexões, discussões e a produção de resenhas, ensaios e toda a sorte de material escrito.

Vamos aprofundar um pouco. Do “senso comum”, por exemplo, uma pessoa sabe pela prática que, para fritar um ovo basta colocar óleo numa frigideira e esquentá-lo sobre um fogão. Simples e direto – o suficiente para que ela sacie a sua fome. Aqui, é desnecessário o conhecimento científico das reações químicas que envolvem o calor, o óleo, a gema e a clara do ovo. Tal saber seria obtido, é óbvio, através do exercício do “senso crítico”, conforme exposto acima.

Por outro lado, suponhamos um caso que envolva não um ovo ou uma porção de óleo, mas pessoas de carne e osso. Pensemos, por exemplo, numa família. Suponhamos que esta família seja formada pelos pais e por três filhos adultos. Todos trabalham numa região industrial, no setor metalúrgico. Em determinado ano, uma crise econômica força a indústria que os emprega a fechar e a família vê-se desempregada. Passam os meses e ninguém naquela casa consegue arranjar um emprego de carteira assinada e com todos os direitos trabalhistas garantidos pela Constituição. Depois de um determinado tempo, aquelas pessoas desistem de procurar trabalho e passam a se contentar com “bicos” e coisa do gênero, ao mesmo tempo em que começam a apresentar toda a sorte de problemas como alcoolismo entre alguns de seus membros, apatia generalizada e a recusa em receber dicas de vizinhos sobre emprego. Estes mesmos vizinhos podem, a certa altura, começar a achar que naquela família todos se tornaram vagabundos e que merecem as dificuldades que atravessam. Este seria um lado perverso do “senso comum”...

¹ Doutorando e Mestre em Ciência Política
Professor do Curso de Relações Internacionais da Belas Artes

Vol. 1 – nº1, 2002

Um pesquisador ou observador atento da realidade social, por seu turno, tomando conhecimento dessa situação começaria a fazer uma série de questionamentos. Por exemplo, ele se perguntaria se aquela família havia trabalhado no ramo industrial por muito tempo; qual tipo de trabalho especializado cada um fazia; qual o tipo de indústria o empregaria no seu dia à dia, isto é, se era do setor de máquinas-ferramenta ou do automobilístico; se a cidade em que moravam estaria tendo um problema generalizado de desemprego industrial; e se, finalmente, problemas psicológicos sérios estavam se desenvolvendo entre eles, inviabilizando, no curto prazo, uma reação pessoal contra o infortúnio.

Posteriormente, este mesmo pesquisador ou observador começaria a elaborar sistematicamente as suas indagações iniciais, tentando elencar uma série de explicações para o problema dessa família. Ele poderia se perguntar se eles receberam algum tipo de apoio de alguma instituição governamental ou da sociedade civil, como um sindicato. Indagaria se essa família terminou chegando à conclusão de que o ramo industrial havia se tornado, para ela, inviável como fonte de sustento remunerado – e se seus membros consideraram a possibilidade de conseguir trabalho em outros setores, como o de serviços, ou, então, de constituir uma pequena empresa. Finalmente, poderia perguntar se, ao entender essa situação, esse grupo de pessoas foi percebendo que não havia nenhum tipo de treinamento profissional para um novo tipo de profissão, estímulo a alguma atividade empresarial e, no limite, que os governos, o local e o federal, não possuíam nenhum tipo de plano de ação nesse campo – o que em jargão de Ciências Sociais chamamos de “ausência de políticas públicas”. Esse tipo de questionamento e atitude só poderia ser concebido com a utilização do “senso crítico”.

Quando o aluno acaba de chegar à universidade, costumo dizer o seguinte: a obtenção de um determinado tipo de “senso crítico” é o objetivo maior de um curso superior. Exige trabalho, dedicação e disciplina. Para obter esse tipo de conhecimento, o estudante terá que aprender a utilizar justamente o método, que pode ser dividido, de uma maneira simplificada, em dois: o método de estudo e o método de trabalho científico. O primeiro diz respeito à organização das atividades de leitura e de atividades mais imediatas que serão exigidas desde o primeiro dia de aulas. Ele é uma etapa necessária e essencial para qualquer progresso pessoal. Já o segundo liga-se à idéia do entendimento dos procedimentos científico-críticos que norteiam qualquer campo do conhecimento, seja ele a Física, a Biologia, a Sociologia ou as Relações Internacionais.

Introdução feita, a idéia dessa coluna é, ao longo das próximas edições, apresentar e discutir tópicos ligados à Metodologia, com a ênfase nos problemas que são próprios da disciplina de Relações Internacionais. Procurar-se-á esclarecer algumas questões, como a organização dos estudos, num plano mais básico, ou os links entre as diferentes ciências que estudam os problemas existentes nas Relações Internacionais e o tipo de metodologias de trabalho científico que elas utilizam – como a estatística ou a teoria dos jogos, por exemplo.

Espera-se criar um canal de comunicação entre todos os leitores que venham a se interessar por essas questões. Nesse sentido, a coluna se propõe a ser uma via de mão dupla, sujeita a críticas e sugestões.

Bem-vindos a Uma Questão de Métodos.